

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO DA PEQUENA CIDADE DE NOVA PALMA, RS, BRASIL

Vanessa **MANFIO**

Doutora em Geografia. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Agrários da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

E-mail: vanessamanfio@yahoo.com.br

RESUMO: A produção do espaço urbano tornou-se interesse dos geógrafos, pois reflete a relação homem e meio, a condição humana através da sua produção cotidiana que gera produção e reprodução do espaço. Pensando nisso, este artigo busca discutir sobre a produção do espaço urbano, para analisar a realidade acerca da cidade de Nova Palma no Rio Grande do Sul, a fim de tecer contribuições para Geografia Urbana e para estudos envolvendo a pequena cidade novapalmense. Para isto utilizou a abordagem descritiva e os recursos de trabalho de campo, revisão de literatura, coleta de dados. Entre os autores que serviram para o embasamento teórico destacam-se: Henri Lefebvre, Milton Santos, Roberto Lobato Corrêa e Ana Fani A. Carlos. O trabalho demonstrou que a cidade em análise se produz e reproduz como meio contribuinte do campo, primeiramente com atividades comerciais ligadas ao rural e mais recentemente pela construção civil e outras atividades que têm se destacado neste espaço em constante transformação.

Palavras - Chave: Produção do espaço. Pequena Cidade. Nova Palma - RS. Geografia.

THE PRODUCTION OF THE SMALL CITY OF NOVA PALMA, RS, BRAZIL

ABSTRACT: The production of urban space has become the interest of geographic researchers, as it reflects the relationship between man and environment, the human condition through its daily production that generates the production and reproduction of space. With this in mind, this article seeks to discuss the production of urban space, to analyze the reality surrounding the city of Nova Palma in Rio Grande do Sul, in order to make contributions to Urban Geography and to studies involving the small city of novapalmense. For this it used the

descriptive approach and the resources of field work, literature review, data collection. Among the authors who served for the theoretical basis are: Henri Lefebvre, Milton Santos, Roberto Lobato Corrêa and Ana Fani A. Carlos. The work showed that the city under analysis is produced and reproduced as a contributor to the countryside, primarily with commercial activities linked to rural areas and more recently by civil construction and other activities that have stood out in this constantly changing space.

Keywords: Space production. Little city. Nova Palma - RS. Geography.

LA PRODUCCIÓN DE LA PEQUEÑA CIUDAD DE NOVA PALMA, RS, BRASIL

RESUMEN: La producción del espacio urbano se ha convertido en el interés de los investigadores geográficos, ya que refleja la relación entre el hombre y el medio ambiente, la condición humana a través de su producción diaria que genera la producción y reproducción del espacio. Con esto en mente, este artículo busca discutir la producción del espacio urbano, analizar la realidad que rodea la ciudad de Nova Palma en Rio Grande do Sul, para hacer contribuciones a la Geografía Urbana y a los estudios que involucran a la pequeña ciudad de novapalmense. Para ello, utilizó el enfoque descriptivo y los recursos de trabajo de campo, revisión de literatura, recolección de datos. Entre los autores que sirvieron para la base teórica se encuentran: Henri Lefebvre, Milton Santos, Roberto Lobato Corrêa y Ana Fani A. Carlos. El trabajo mostró que la ciudad bajo análisis se produce y reproduce como un contribuyente al campo, principalmente con actividades comerciales vinculadas a las áreas rurales y más recientemente por la construcción civil y otras actividades que se han destacado en este espacio en constante cambio.

Palabras - clave: Producción espacial. Pequeña ciudad. Nova Palma - RS. Geografía.

INTRODUÇÃO

A produção do espaço urbano é uma das preocupações da Geografia do mundo contemporâneo que busca entender o modo de vida, a produção econômica e social, as formas espaciais e seus múltiplos problemas. Evidentemente, o olhar para produção do espaço deve ser o instrumento de análise não apenas na dimensão das metrópoles, mas também das

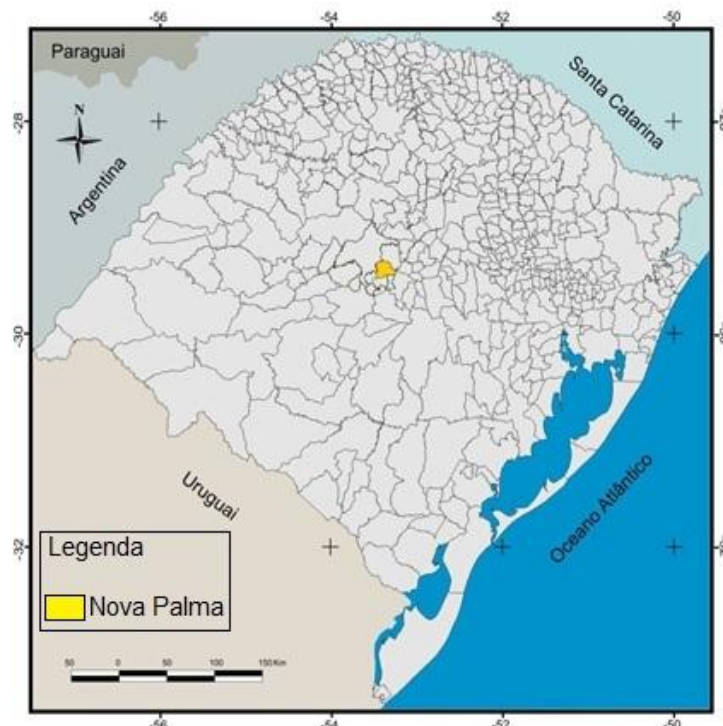
pequenas cidades, que representam a maioria no contexto brasileiro e guardam importantes dinâmicas econômicas, sociais e culturais.

A produção do espaço está intimamente relacionada à reprodução da vida de uma sociedade e do trabalho do homem sobre o espaço. Então, a sociedade presente em uma cidade produz o seu espaço almejando os seus ideais e aspirações econômicas. Além disso, empresas, cooperativas e agentes produtores do espaço são transformadores do espaço, auxiliando na produção e (re) produção do espaço urbano.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo analisar a produção do espaço urbano da pequena cidade de Nova Palma, localizada na região central do Rio Grande do Sul, Brasil, buscando entender a organização espacial e as transformações urbanas (papéis e formas), ao longo dos tempos (figura 1).

Para dar conta deste objetivo partiu-se de um levantamento bibliográfico, a fim de dialogar os conceitos discutidos no artigo como produção do espaço, cidade e pequena cidade. Os aportes teóricos que darão subsídios para o trabalho centram-se nas discussões sobre produção do espaço dos autores: Milton Santos, Henri Lefebvre, Ana Fani A. Carlos e Roberto Lobato Corrêa. E quanto ao espaço de Nova Palma, utilizaram-se os trabalhos de Saquet (2003), Manfio (2011), entre outros como documentos-chave da análise.

Figura 1 – Mapa de Localização de Nova Palma - RS



Fonte: MANFIO, 2011.

Ainda, como procedimentos metodológicos foram utilizados o trabalho de campo e a coleta de dados em fontes primárias e secundárias, especialmente no Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma (CPG). Tendo como suporte metodológico o método histórico – analítico e a abordagem qualitativa, tratando de interpretar e interagir com o objeto de pesquisa e com a história. O método histórico-analítico é utilizado para tratar de um fato/fenômeno, buscando desvendar como o mesmo ocorreu e suas consequências e encaminhamentos. É um método utilizado em trabalhos científicos como Manfio (2011) e Simiand (2003).

O trabalho final foi estruturado em três partes, dos quais a primeira delas consiste na discussão teórica, a segunda a abordagem dos resultados obtidos na pesquisa e a última as considerações do trabalho.

A CIDADE E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO

As cidades são o espaço da materialização das relações sociedade e natureza, das ações sociais e do capital. Segundo Silva (2006) a cidade pode ser entendida como trabalho humano materializado e que se constitui como produto, condição e meio para relações decorrentes do modo de produção.

Nesta concepção Cavalcanti (2008, p. 148-149) afirma que cidade:

[...] é uma expressão da complexidade e da experiência humana. As cidades, em suas varias configurações, são arranjos produzidos para que seus habitantes - diferentes grupos, diferentes culturas, diferentes condições sociais – possam praticar a vida em comum, compartilhando, nesses arranjos, desejos, necessidades, problemas cotidianos.

Pensando então nos diferentes grupos humanos que abrigam o mesmo espaço citadino e seus modos de vida, a cidade é também espaço de contradição e desigualdade. De acordo com Moraes, Goudard e Oliveira (2008, p.97): “A população que compõe a cidade é diversa e desigual, tanto no sentido econômico como no cultural criando, então, impasses e tornando difusos os pensamentos desta população como um todo”.

Dessa forma, a cidade é um espaço construído, a partir dos interesses e relações dos atores sociais e capitalistas. Assim, a cidade é o concreto, mas por trás desta materialidade existem desejos, história, modos de vida e relações que emprega uma imaterialidade ao espaço urbano, sendo, portanto, a cidade o espaço concreto repleto de abstração. Para Carlos

(1992, p. 92) “a cidade é um modo de viver, de pensar, mas também de sentir. O modo de vida urbano produz ideias, comportamentos, valores, conhecimento, formas de lazer, e também uma cultura”.

Nesta linha de pensamento, Manfio (2015), a cidade é o concreto, mas também o invisível, nas quais se processam os sentimentos e o cotidiano da vida (as relações de moradia, trabalho e lazer). Ela é regida pelo tempo, ou seja, pela rapidez dos acontecimentos, fenômenos e construções.

As formas presentes no espaço urbano são decorrência desta dinâmica frenética do trabalho e modo de vida humano e imaterialidade. Nesse sentido, Silva (2006, p. 68) comenta que “as formas, que não são penas reflexos, são também potencialidades e dinâmicas, pois uma vez construídas condicionam as relações sociais à ação específicas”.

Nesta lógica, Santos (1985) define a forma como sendo um aspecto visível de uma coisa, referindo-se ao arranjo ordenado dos objetos conforme um padrão. Ainda a forma é uma estrutura técnica ou objeto responsável pela execução de uma função.

Estas formas abrigam atividades econômicas, culturais, lazer, moradia e também a gestão administrativa do lugar. Elas apresentam funções, ou seja, a finalidade adquirida por uma forma urbana. Para Santos (1985) é uma atividade elementar de que a forma se reveste. Isso torna a cidade também espaço de valores, bens e serviços, onde estão territorializadas identidades e apropriações. Como Souza (2008, p. 28) afirma:

A cidade é um centro de gestão do território não apenas enquanto sede de empresas (privadas e estatais), mas também enquanto sede do poder religioso e político. Além do mais, uma cidade não é apenas um local em que se produzem bens e onde esses bens são comercializados e consumidos, e onde pessoas trabalham; uma cidade é um local onde pessoas se organizam e integram com base em interesses e valores os mais diversos, formando grupos de afinidades e interesse, menos ou mais definidos territorialmente na base de identidades territoriais que os indivíduos buscam manter e preservar.

Evidentemente, que nem todas as cidades apresentam as mesmas formas/funções, territorialidades e dimensões, cada qual exerce um papel diferenciado e é construída por agentes sociais distintos.

No que tange as pequenas cidades, estas apresentam estruturas menos complexas e um reduzido número de habitantes, mas desempenham uma função no papel da rede urbana, que a partir dos processos envolvidos sobre o espaço geram-se papéis urbanos e formas espaciais.

Nas palavras de Corrêa (1999) a pequena cidade situa-se na confluência do rural com

o urbano e apresenta uma população inferior a 50.000 habitantes, dos quais, muitas vezes, o seu desenvolvimento está ligado diretamente à produção no campo.

Para Santos (1979, p.71) a pequena cidade é vista como cidade local:

A cidade local é a dimensão mínima a partir da qual as aglomerações deixam de servir às necessidades da atividade primária para servir as necessidades inadiáveis da população com verdadeira especialização do espaço.

Assim, cada cidade, seja ela, pequena, média ou grande é construída e apresenta funções importantes para o contexto regional. A produção do espaço urbano é o que define a complexidade das relações, dinâmicas e especializações presentes na cidade.

No entanto, para entender a produção do espaço urbano deve-se ter como premissa a compreensão da sociedade que a produz (SILVA, 2006), já que a cidade é produzida pelas ações humanas e capitalistas.

A produção do espaço é vista pelo trabalho, relações de dominação e no funcionamento das superestruturas (o espaço social). O espaço social é resultado das forças produtivas. Ele intervém no modo de produção, ao mesmo tempo ele se modifica com as sociedades (LEFEBVRE, 2000). Num outro viés Lefebvre (2000) diz que o conceito de produção comporta as representações que interpretam as vivências e as práticas do ser humano, interagindo no espaço.

Para Santos (1997), a produção do espaço remete a combinação de forma, estrutura e função, pois as relações sociais alteram processos e incitam funções que criam novas formas.

Nesse entendimento a produção do espaço urbano é movida por muitas relações e fatores como afirma Mondardo (2009, p. 58),

A produção do espaço urbano é constituída por inúmeros fatores que se processam no modo de produção capitalista. São aqueles que se relacionam e que atribuem singularidades às formas-conteúdos urbanas. São movimentos de pessoas, são movimentos de objetos, são ações e objetos, são relações entre pessoas em movimento, sujeitos que se movimentam para o trabalho, lazer, consumo dentre outros. A produção do espaço urbano é, portanto, composta por um amálgama de relações solidárias e contraditórias entre pessoas e objetos.

Nesse sentido, a produção do espaço urbano é uma produção social, processo contínuo de construção, destruição, reforma, revolução, estruturação (SPOSITO, 1991) que se mantém pela atuação dos atores sociais e também pela forma de acumulação e valor do espaço. Ainda, a produção do espaço é uma consequência da ação de atores sociais concretos, históricos, dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias (CORRÊA, 2011).

Assim, a produção do espaço urbano acontece pela ação de diversos atores sociais, tais como os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os agentes imobiliários, as classes sociais excluídas e o Estado (CORRÊA, 2011).

Resumidamente, produzir o espaço urbano significa a inter-relação do mesmo com os interesses dos atores sociais. É uma produção que está no ceio da vivência humana. A sociedade constrói para morar, para se divertir, para trabalhar, enfim para acumular riquezas e momentos.

Logo, produzir o espaço torna-se uma condição humana, à medida que a própria sociedade se reconstrói e cria seus espaços, ela altera e produz o espaço urbano. Conforme Damiani (1999, p. 49) “a produção do espaço pode ser lida do ponto de vista das casas, das edificações construídas, do significado da indústria da construção civil na economia atual [...], mas sua abrangência, na verdade, é maior, remete à produção [e à redefinição] das cidades”.

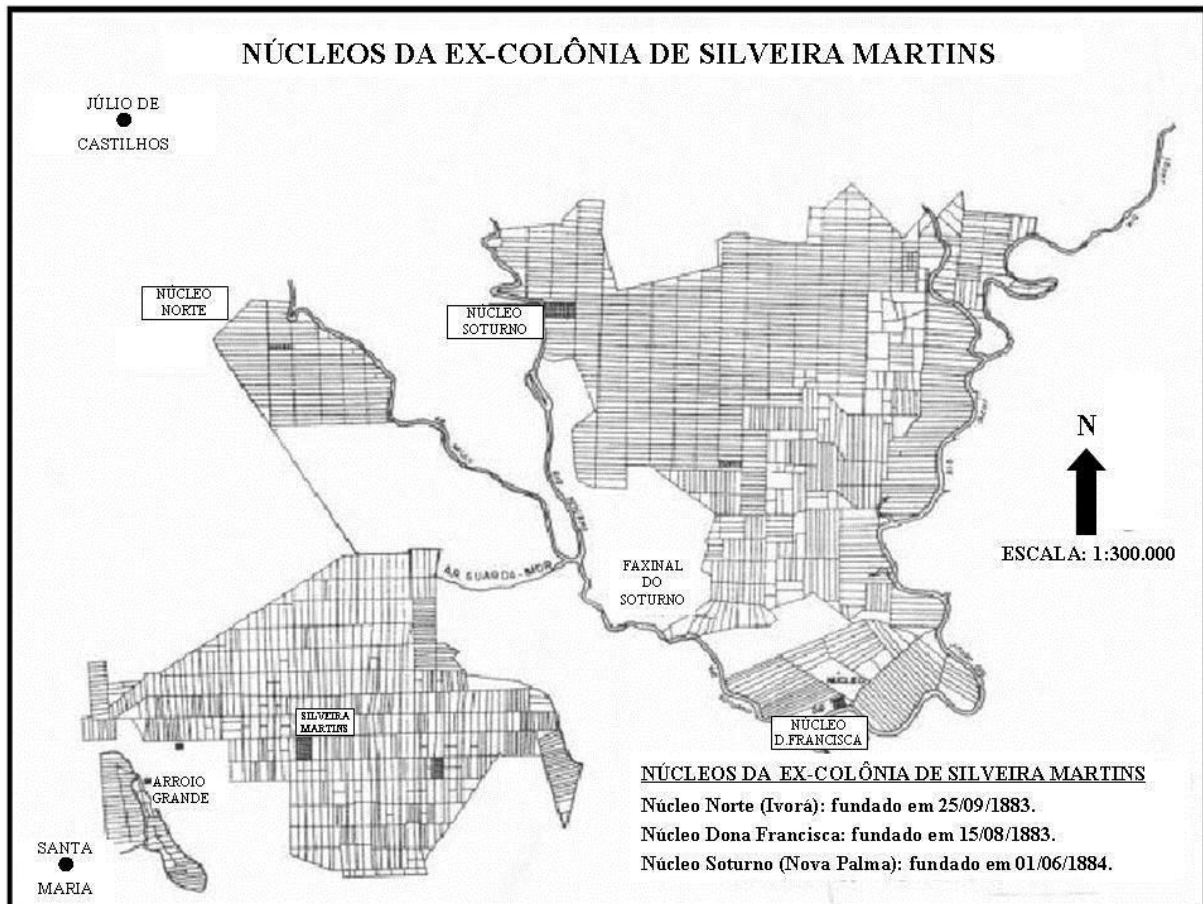
Para o entendimento da produção do espaço requer conhecer a história e as relações sociais, que construíram as formas e atividades dominantes da cidade, pois esta produção encontra-se em movimento, alterando-se com o tempo, a fim de atender os novos interesses econômicos e sociais.

UMA REFLEXÃO A RESPEITO DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE NOVA PALMA – RS

A produção do espaço urbano de Nova Palma constitui-se do processo de colonização italiana na região central do Rio Grande do Sul, compondo a Quarta Colônia de Imigração Italiana. A região foi o berço do quarto núcleo colonial do Rio Grande do Sul, sendo chamada de inicialmente de Colônia Silveira Martins e hoje é conhecida como Região da Quarta Colônia de Imigração Italiana (SAQUET, 2003). Neste contexto, Manfio (2011) destaca que, a colonização da região da Quarta Colônia em meados de 1882, desencadeou a imigração espontânea dos italianos na região, onde foram criados vários núcleos interioranos (figura 2). Estes núcleos deram origem a sete municípios: Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, São João do Polêsine, Silveira Martins.

Nestes núcleos estabeleceram-se os imigrantes em pequenas propriedades rurais baseadas na policultura e no trabalho familiar. Segundo Saquet (2003) na unidade produtiva familiar, logo combinou-se a produção de gêneros de subsistência com a produção de excedentes comercializados no local e nas cidades próximas, mais tarde, com a capital.

Figura 2 - Núcleos da colonização italiana na região central do Rio Grande do Sul



Fonte: NARDI, 2007.

Com a produção rural organiza-se a construção do povoamento urbano, assim como Singer (1973) coloca: a produção de excedente agrícola é uma condição para o surgimento das cidades. No início o pequeno núcleo urbano foi marcado por algumas residências e casas de comércio agrícola. Conforme Manfio (2011) devido à necessidade de comercialização agrícola e da realização de trocas comerciais nos lotes rurais do núcleo soturno, configura-se em 1929 na Planície Aluvial do Rio Soturno, a formação de um pequeno aglomerado de residências, algumas fábricas e “casas comerciais”.

Nas palavras de Saquet (2003) as casas comerciais da época de 1930 revelam o desenvolvimento econômico comercial, a força de alguns comerciantes e o incremento das relações mercantis. Além disso, desenvolveram no núcleo urbano artesões, especializados em transformar matéria – prima em artigos, instalando-se alfaiatarias, fábrica de calçados, serraria, madeireira, entre outros.

No entanto, o urbano se configura em Nova Palma pelo capital rural, onde os proprietários rurais tinham terras no aglomerado urbano e também a produção de excedentes agrícola é que movimenta a constituição da cidade. Sobre isso, Saquet (2003) afirma que a grande maioria dos proprietários da vila urbana tinha lotes rurais. Assim, o urbano só é a partir da sua relação com o agrário, da mesma forma, que o rural de Nova Palma só é através da mútua relação com o urbano (SAQUET, 2003).

No decorrer dos anos, os fluxos de atravessadores agrícolas, ou seja, pessoas que comercializam os produtos rurais, associado intensificação da instalação de casas comerciais, do surgimento da igreja e colégios católicos transformam o povoado, criando estruturas tais como hotéis, pensões e bares alimentares.

Diante do constante crescimento do aglomerado urbano (distrito de Júlio de Castilhos), no ano de 1956, ele adquiriu significativa organização das ruas, o que permitiu a acessibilidade e tráfego no distrito e no externo a ele, conectando o espaço a outras localidades (MANFIO, 2011).

No ano de 1960 é criado o município a partir de sua emancipação político-administrativa de Júlio de Castilhos, com o apoio do padre Luiz Sponchiado, com isso surge o espaço urbano com função administrativa e o papel de comercialização agrícola.

A cidade de Nova Palma surge no vale formado pelo Rio Soturno e Arroio Portela, dessa forma, a cidade apresenta – se cercada por morros e cortada por estes cursos de água. Isto provoca um problema ambiental na cidade, principalmente com o assoreamento do rio principal e arroio e enchentes (MANFIO, 2011).

A malha urbana, neste período (pós – emancipação) mostrou-se articulada e ainda centralizada em torno da igreja, onde surgiram os principais equipamentos urbanos, como praça, hotel, rodoviária, unidade sanitária, escolas entre outras. Para Manfio (2015), as necessidades básicas da população são atendidas por serviços e equipamentos urbanos presentes no centro da cidade, próximos a igreja matriz, de onde partir o processo de ocupação urbana.

Destaca-se ainda, que a população concentra-se no espaço rural, embora, nas últimas décadas, a população urbana de Nova Palma tem crescido expressivamente, refletindo no aumento da urbanização. Na tabela 1 é possível observar que em 1970 a população urbana de Nova Palma era de 1019 habitantes e em 2010 chegava a 3083 habitantes numa evolução progressiva neste período de 1970 a 2010 (IBGE, 2018).

Convém destacar que a colonização italiana cria na região, sobretudo no espaço

urbano de Nova Palma uma identidade cultural fortemente percebida nas tradições, na religiosidade, nas festas, na arquitetura residencial, nas casas e nos monumentos espalhados pela cidade. O próprio hábito rural é visto na pequena cidade, através da ruralidade, demonstrando uma importância do agrário. Nos fundos das casas e terrenos baldios são plantadas hortas e roças urbanas (área de cultivo na cidade) com a plantação de milho, mandioca, entre outros.

Tabela 1 - População de Nova Palma - RS no período de 1970 a 2010

Ano	População total (nº de hab.)	População rural (nº de hab.)	População urbana (nº de hab.)
1970	7995	6976	1019
1980	8031	6557	1474
1991	7656	5571	2085
2000	6312	3648	2664
2010	6342	3259	3083

Fonte: Censo Demográfico – IBGE, 2018.

Essa importância continuou a definir os papéis urbanos, dos quais foram sendo criados novos moinhos e a Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma (CAMNPAL), na década de 1960, esta última articulada da força dos pequenos produtores rurais e do Padre Luiz Sponchiado.

A criação da CAMNPAL permitiu a modernização da agricultura e trouxe uma garantia do pequeno agricultor local de comércio para seus produtos. Portanto, criaram-se no espaço de Nova Palma, lojas, pontos de armazenamento de grãos e de leite, assistência veterinária e de agrônomos. Estes serviços foram importantes para o desenvolvimento agrícola.

As dinâmicas responsáveis pela CAMNPAL no município de Nova Palma permitiram a reprodução do espaço urbano, tendo em vista, que a cooperativa acaba se instalando na área urbana ainda pouco povoada, assim as novas residências e os estabelecimentos comerciais instalaram-se próximas a ela, expandindo a malha urbana.

A expansão das atividades e negócios da CAMNPAL no espaço urbano novapalmense contribuiu para geração de emprego e também para o surgimento de novas empresas e a vinda de outras para cidade como: à instalação das agências bancárias ligadas a empréstimos rurais: SICREDI e CRESOL, a criação da Cooperativa de Transportadores Autônomos de Nova

Palma, COTRAPALMA, que trabalham no transporte dos produtos agrícolas especialmente para outras áreas do estado e país (MANFIO, 2011).

É importante ressaltar que a CAMNPAL também monopolizou os serviços destinados ao campo, e também no comércio citadino, tornando-se uma grande cooperativa e por isso, dificultou a implantação de novas lojas comerciais na cidade. Por exemplo, a cooperativa possui hipermercado na cidade e com isso, os mercados e padarias pequenas não consegue concorrer com os serviços, variedades de produtos e preços oferecidos pela mesma.

Além disso, a expansão da CAMNPAL não acontece apenas no município de Nova Palma, ela vai espraiando-se sobre o espaço regional e formando uma rede empresarial. A rede empresarial forma um novo papel urbano, principalmente para Nova Palma, não mais apenas de produzir gêneros agrícolas, mas de comercializar, industrializar e administrar ao meio rural.

Assim, a relação entre campo e cidade em Nova Palma, também se altera, pois antes a cidade dependia do campo e somente vivia em função do meio rural, no entanto, atualmente a cidade passa a fornecer suporte ao campo. Na cidade de Nova Palma, então, desenvolve-se atividades ligadas ao campo.

Diante disso, ocorre o contínuo crescimento urbano e a construção de prédios de estruturas modernas, num processo de verticalização urbana (Figura 3) e especulação imobiliária. Neste processo, proprietários de capital rural e urbano passam a investir na construção de prédios para serem vendidos e alugados, proliferando uma nova forma de capitalização urbana e de relações sociais. Por toda parte estão presentes novas construções e terrenos à venda, sinalizando a transformação do espaço urbano.

Atualmente, então o setor de construção civil tem se desenvolvido no espaço novapalmense, com a construção de prédios, casas e expansão da malha urbana, além do fortalecimento de empresas de materiais de construção, empreiteiras e também a criação da Durabile (indústrias de telhas, pisos e matérias de construção). Logo, os novos empreendimentos têm marcado a economia urbana.

O turismo também vem sendo um novo impulso urbano-econômico. A cidade conta com balneário e pertence à Quarta Colônia de Imigração Italiana o que lhe confere atividades turísticas e atraem visitantes e eventos. Com isto, ampliou os serviços de restaurantes e pousadas na cidade. Embora, um dos principais obstáculos ao turismo seja a falta de um hotel e a melhoria dos serviços de comunicação.

Figura 3 – Construção de prédios no espaço urbano novapalmense



Fonte: acervo do autor (2018)

Dentro da produção do espaço urbano novapalmense observa-se, até décadas passadas, uma expressiva centralização urbana. Porém, na última década, a descentralização espacial foi uma expressão nítida da expansão da cidade e da atuação dos atores urbanos. Assim, a constante construção de casas nobres, instalação de indústrias e a formação de condomínios verticais, como o Condomínio Residencial Belvedere na periferia da cidade são marcas desta descentralização.

Ainda, a segregação social dentro da cidade é pouco expressiva, mas já demonstra um novo caráter à medida que aparecem espaços públicos privados como clubes, e condomínios. Assim como a especulação imobiliária poderá se tornar um agente promotor deste processo, já que a mesma “empurra” a classe pobre, da área elitizada.

Sintetizando, a produção do espaço urbano de Nova Palma acontece, inicialmente em função do processo de imigração italiana e da agricultura, dos quais delineiam as formas, funções e estruturas urbanas. O desenvolvimento urbano reflete na expansão da urbanização e também nas atividades e verticalização urbana, sendo a CAMNPAL um ator deste desenvolvimento, juntamente com proprietários de terra, proprietários comerciais e do poder municipal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção do espaço se fundamenta a partir também das atividades e dinâmicas que o mesmo adquire para desempenhar suas funções urbanas e econômicas. Sendo de fundamental importância nos estudos das cidades e da relação sociedade e natureza, principalmente após o desenvolvimento capitalista. Ainda, esta produção, que é material e social se fundamenta nos desejos da sociedade e dos atores capitalistas produtores urbanos.

Quanto à produção do espaço urbano de Nova Palma, inicialmente esta cidade se constituiu como assentamento de comércio de gêneros agrícolas, abrigando casas comerciais, moinhos, entre outros. Além disso, a colonização italiana na região teve um papel central no desenvolvimento do campo e depois da construção do assentamento urbano.

Num segundo momento com a criação e intensificação das atividades da CAMNPAL, ocorre uma reprodução do espaço para atender esta cooperativa, outras atividades como bancárias, terciárias, de transporte e desenvolvimento de infraestruturas passam a ser vistas sobre o solo urbano. A partir da intensificação da produção do espaço urbano alteraram-se os papéis urbanos da pequena cidade que era de comercializar os produtos agrícolas, estando extremamente dependente do campo. A cidade de Nova Palma é hoje gestora do comércio agrícola e desenvolve outras atividades como fornecer produtos e serviços ao campo.

Na cidade outras atividades vêm se desenvolvendo como, por exemplo, a construção civil, vista pela proliferação de casas, prédios e criação de serviços ligados à construção, principalmente financiados por proprietários de terras.

Na contemporaneidade, o espaço urbano está sendo o espaço da mercadoria imobiliária, da construção de casas, prédios, do comércio de terrenos, e da indústria de construção civil fruto de novos atores, como os produtores de terras na cidade.

Em todos estes momentos, a produção do espaço é concebida a partir da lógica do capital e da sociedade que através de suas necessidades produz e reproduz o espaço, que está sempre em movimento. Isto revela que produzir o espaço impõe aspirações e construções

diárias, se fazendo presente as várias fases da história do espaço.

Trabalho enviado em setembro de 2019

Trabalho aceito em novembro de 2019

REFERÊNCIAS

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. Da organização à produção do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escala e desafios**. São Paulo: contexto, 2012.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. 3 ed. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

_____. Globalização e reestruturação da rede urbana: uma nota sobre as pequenas cidades.

Território, Rio de Janeiro, v.4, n.6, p. 43-52, jan./jun. 1999.

_____. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: CARLOS A. F. A.; SOUZA, M. L. de; SPOSITO, M. E. B. (Org.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011, v. , p. 41-52.

DAMIANI, A. L. As contradições do espaço: da lógica (formal) à lógica dialética, a propósito do espaço. In: DAMIANI, A. L.; CARLOS, A. F. A.; SEABRA, O. C. de L. **O Espaço no Fim de Século: a nova raridade**. São Paulo: Contexto, 1999.

LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

MANFIO, V. **O papel da CAMNPAL na (re) estruturação do espaço urbano de Nova Palma - RS**. 2011. 128f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

_____. A cidade e os equipamentos urbanos: uma análise sobre Nova Palma/RS. **InterEspaço**. Grajaú/MA v. 1, n. 2 p. 137-151 jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/4035/2120>.

Acesso em: 2 de jun. de 2016.

MONDARDO, M. L. Meandros na produção do espaço urbano: mobilidade, acessibilidade e exclusão social. **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia – Goiás, v. 29 n. 1 p. 57-72 jan. / jun. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufg.emnuvens.com.br/bgg/article/view/5765/5026>.

Acesso em: 2 de jun. de 2016.

MORAES, A. F. de; GOUDARD, B.; OLIVEIRA, R. de. Reflexões sobre a cidade, seus equipamentos urbanos e a influência destes na qualidade de vida da população. **Revista Interthesis**. Florianópolis, v. 5., n., 2, p.93-103. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/viewFile/18071384.2008v5n2p93/1088>
1. Acesso: 17 jun. 2015.

NARDI, O. **O meio rural da Quarta Colônia de Imigração Italiana como tema e cenário turístico**. 189f. 2007. Dissertação (Mestre em Geografia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

SANTOS, M. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. **Espaço e Método**. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Técnica, espaço, tempo**. Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1997.

SAQUET, M. A. **Os tempos e os territórios da colonização italiana**: o desenvolvimento econômico da colônia Silveira Martins (RS). Porto Alegre: EST, 2003.

SILVA, W. R. da. Reflexões em torno do urbano no Brasil. In: SPÓSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. (org.). **Cidade e campo**: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão popular, 2006. p. 65-80.

SIMIAND, F. **Método Histórico e Ciência Social**. Tradução de José Leonardo do Nascimento. Bauru/SP: Edusc, 2003, 118p.

SOUZA, M. L. de. O que faz de cidade uma cidade? In: **ABC do desenvolvimento urbano**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p. 23-40.

SPOSITO, M. E. B. **O chão arranha o céu**: a lógica da (re) produção monopolista da cidade. São Paulo: USP, FFLCH, Tese de Doutorado, 1991.